

# Questões sobre jornalismo e ideologia

Adelmo Genro Filho

O conceito já vulgarizado pelos meios de comunicação de massa de que o jornalismo “é a História do dia-a-dia” encerra uma contradição que pode ser desdobrada de maneira fecunda para a discussão do tema. Sem buscar qualquer transposição mecânica, a referência à História implica que a informação jornalística requer uma determinada elaboração subjetiva (no sentido que não é um reflexo direto da realidade, como quer a concepção acadêmica) e, além disso, implica numa totalização mais ampla de que as meras circunstâncias nas quais o fato está envolvido. Nessa dimensão histórica do jornalismo, onde também se nutre cada informação, delineia-se, inequivocadamente, seu caráter ideológico.

A referência ao cotidiano expressa no conceito vulgar leva-nos à reflexão que não apenas os grandes acontecimentos (entendidos como as transformações qualitativas de uma determinada dimensão da vida social) formam a matéria-prima da informação jornalística. Muitos fenômenos aparentemente sem importância, por estarem inscritos no seio de conflitos fundamentais da sociedade e por possuírem um sentido latente, podem ser objeto do jornalismo.

Assim como há uma hierarquia de contradições na

sociedade, há níveis da realidade cujos processos se conjugam e alternam sua principalidade definindo conjunturas. Isso torna o sistema social qualitativamente diferente dos modelos cibernéticos ou sistemas conhecidos, na medida que se fundem níveis da realidade social numa mesma totalidade histórica.

A incompreensão da especificidade do sistema social e do homem como síntese dos diversos níveis de sua existência, isto é, sua natureza biológica, antropológica e sobretudo histórica (econômica, política, ideológica e cultural) conduz a graves distorções teóricas. A aplicação mecânica da Teoria da Informação ao jornalismo é uma delas. Há uma frase muito difundida que pode ilustrar esse fato: “se um cão morde um homem não é notícia, mas se um homem morde um cão a notícia é excelente”. Realmente, a probabilidade de que um homem avance a dentadas contra um cão é bem menor do que a probabilidade de novas torturas a presos políticos no Chile, por exemplo. Tecnicamente, portanto, a primeira notícia é mais importante do que a última, contém maior quantidade de informação segundo a visão matemática da Teoria da Informação. Entretanto, é fácil perceber que a notícia sobre as torturas do Chile tem mais significado e

importância. Pelo fato de conter mais universalidade e ser um fenômeno ligado ao conflito fundamental de nossa época. Por isso, embora seja um evento de maior probabilidade e que em Teoria da Informação significa menos informação, será uma notícia qualitativamente superior.

Antes de buscar uma explicação mais sistematizada para esse ponto, convém expor o conceito de jornalismo que representa o axioma dessas reflexões e fazer algumas considerações: o jornalismo é um processo sistemático de transmissão coletiva de informações cristalizadas em eventos singulares, historicamente determinado pelo desenvolvimento das relações capitalistas e pela decorrente complexificação da sociedade e diversificação dos papéis sociais.

Para o entendimento correto dessa cristalização da informação nos eventos singulares (que são a matéria-prima do jornalismo) é preciso estabelecer as relações desse conceito de “singularidade” com outros que a ele estão indissoluvelmente ligados. Existe uma relação dialética entre singularidade, particularidade e universalidade, categorias do pensamento que representam aspectos objetivos da realidade. Cada um desses conceitos (singular, particular e universal) é o reflexo verdadeiro de uma das diferentes dimensões da realidade, que contém em si as demais. São formas de

Na sociedade,  
nem tudo que  
representa  
informação  
tecnicamente  
definida  
(fenômenos  
de pouca  
probabilidade)  
revela-se  
significativo no  
processo global  
das relações  
sociais

existência da natureza e da sociedade que se contém reciprocamente e se expressam através dessas categorias. No universal, estão contidos os diversos fenômenos singulares e os grupos de fenômenos particulares que o constituem. No singular, através da identidade, estão contidos o particular e o universal, dos quais é parte integrante. O particular é exatamente o ponto intermediário entre ambos, a síntese das demais determinações.

Na sociedade, nem tudo que representa informação tecnicamente definida (fenômenos de pouca probabilidade) revela-se significativo no processo global das relações sociais. Em se tratando da sociedade, não importa unicamente o aspecto quantitativo da informação para que ela seja eficaz. Interessa, fundamentalmente, ao homem, como sua ferramenta para a ação e o pensamento, informações vinculadas aos processos básicos da sociedade e suas contradições. É a dialética da transformação da qualidade em quantidade e vice-versa, cujas categorias mostram aqui toda a extensão de sua riqueza teórica.

Esse processo global que serve como critério da qualidade da informação nada mais é do que a História, dimensão mais totalizante da evolução humana. Enfim, se um homem morde um cão isso não tem

o menor significado no processo histórico, porque é um fato singular que não contém nenhuma universalidade, não indica nenhuma tendência na evolução ou transformação da sociedade. Então, se o singular é a matéria-prima, a forma pela qual se cristaliza o jornalismo, o critério de valor da informação vai depender (contraditoriamente) da universalidade que contém. Singular, portanto, é a forma de jornalismo, não seu conteúdo.

Nesse sentido, é interessante observar que o jornalismo não só fornece subsídios para a ciência histórica, como tem função social semelhante. Ele fornece dados sobre o presente (a História o faz principalmente com o passado) para que o homem possa, de certa forma, prever os acontecimentos futuros. No entanto, é preciso ver também a diversidade. A informação jornalística enquanto não incorporada à generalização histórica age dentro da sociedade numa dimensão temporal mais estreita. A História caminha, no sentido das totalizações mais gerais do movimento social. Noutras palavras, não interessa para a História os fatos singulares enquanto não relacionados com as generalizações e as leis. O jornalismo, tratando de fenômeno desta mesma vida social, tem como eixo os eventos singulares. É neles, e de forma assistemática, que os significados gerais insinuam-se.

Então, se o singular é a matéria-prima, a forma pela qual se cristaliza o jornalismo, o critério de valor da informação vai depender (contraditoriamente) da universalidade que contém. Singular, portanto, é a forma de jornalismo, não seu conteúdo

A informação jornalística é um corte vertical na horizontalidade da História (é o tempo presente) e não tem como função descobrir as leis do desenvolvimento, mas divulgar os fatos singulares na perspectiva daquelas leis. Qualquer fenômeno singular não existe isoladamente, sem um conteúdo de particularidade e universalidade que precisa ser exposto, para que possa ser compreendido e ampliado seu significado aparente.

Portanto, a caracterização da informação jornalística como um fenômeno essencialmente efêmero é unilateral. Dizer que “não existe nada mais velho que o jornal de ontem”, como querem alguns, é apenas meia verdade. No máximo, essa caracterização corresponde a um tipo de jornalismo muito em voga atualmente, que expressa unicamente o efêmero e afasta as relações e os significados, tornando-o totalmente estéril. É a forma singularizada da informação tornando-se também seu conteúdo. O “jornal de ontem” representa, de fato, uma etapa superada, um momento passado que foi assimilado ao novo presente. Mas, ao mesmo tempo, deve conter na singularidade uma determinada relação causa-efeito envolvendo o passado e o futuro, através de uma generalização limitada no corpo mesmo do singular. Para isso, o jornalismo deve selecionar os fatos sociais desde uma visão histórica (capaz de apreender as contradições e o dinamismo da

sociedade), para situá-los numa conjuntura determinada sem retirar deles a marca estrutural.

As características da informação jornalística assim definidas estão determinadas também de um ponto de vista ético, mas uma ética vinculada à teleologia histórica da transformação e evolução da sociedade. O próprio surgimento do jornalismo, ao que parece, não surgiu apenas como necessidade ideológica da burguesia, como simples interesse de classe no sentido de propagar suas idéias políticas, éticas ou culturais. Nem mesmo para homogeneizar comportamentos ou impulsionar o consumo. Esses fatores foram complementares nas condições históricas que originaram o jornalismo. A causa fundamental parece ter sido muito mais a complexificação decorrente do desenvolvimento capitalista e a diversificação dos papéis sociais. A sociedade acelerou sua dinâmica e adquiriu maior integração e interdependência, tornando o processo da informação interpessoal insuficiente nesse novo contexto. Disso, pode-se concluir que o jornalismo tem uma função social historicamente determinada que pode extravasar os interesses ideológicos da classe que o gerou. A esterilização da informação jornalística, através da singularização do conteúdo dos fatos é a negação das possibilidades históricas do jornalismo. É a maneira pela qual o capitalismo busca, atualmente, adaptá-lo às suas necessidades imobilistas.

A informação jornalística, que na etapa ascensional do sistema capitalista era um fator estabilizador, agora pode vir a representar um perigo iminente, devido ao próprio aguçamento das contradições sociais.